



MEMÓRIA, SOFRIMENTO, AFETO E HERANÇA ANCESTRAL: NARRATIVA DE UMA MULHER DA ROÇA COMO ACONTECIMENTO COMUNICACIONAL

Clarice Martins Duarte¹

Florence Dravet²

RESUMO

Levantamento de referencial teórico com objetivo de conhecer o estado atual de pesquisas sobre memórias de mulheres idosas advindas da zona rural, especificamente para fazer registro acadêmico de narrativas orais que são, muitas vezes, silenciadas e/ou invisibilizadas pela história oficial. Nessa perspectiva, a busca foi ampliada para assuntos que envolvem o contexto da roça, como os saberes, os quintais, as festas, os costumes, para contemplar mais aspectos relacionados ao tema abordado, além de outro levantamento de referencial para suporte metodológico e criação de uma obra poética e documental inspirada pelo biodrama. A partir do estudo quantitativo de 2.108 resumos de teses, dissertações e artigos nas bases BDTD, Capes, Oasisbr e Latindex, usando-se critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 36 textos. Conclui-se que o material encontrado contribuirá para justificar a pertinência e a metodologia da pesquisa em processo de desenvolvimento. Os resultados obtidos pelo recorte de grupo temático *Narrativas orais, Histórias de vida e Comunicação* demonstraram que será possível subsidiar a intenção de escrita em co-autoria com a protagonista da história por meio de sua memória, uma vez que se trata de alguém que não pôde se alfabetizar, que viu, ouviu, sentiu, viveu e guardou, mas está esquecendo.

Palavras-chave: Memórias. Narrativas. Oralidade. Mulher idosa. Roça. Comunicação.

ABSTRACT

A survey of theoretical references with the aim of finding out the current state of research into the memories of elderly women from rural areas, specifically to make an academic record of oral narratives that are often silenced and/or made invisible by official history. From this perspective, the search was broadened to include subjects that involve the context of the countryside, such as knowledge, backyards, festivals and customs, in order to contemplate more aspects related to the subject, as well as another survey of references for methodological support and the creation of a poetic and documentary work inspired by biodrama. Based on a quantitative study of 2.108 abstracts of theses, dissertations and articles in the BDTD, Capes, Oasisbr and Latindex databases, using inclusion and exclusion criteria, 36 texts were selected. The conclusion is that the material found will help to justify the relevance and methodology of the research under development. The results obtained from the thematic group Oral Narratives, Life Stories and Communication showed that it will be possible to support the intention of writing in co-authorship with the protagonist of the story through her memory, since she is someone who was unable to become literate, who saw, heard, felt, lived and kept, but is forgetting.

Keywords: Memories. Narratives. Orality. Elderly woman. Roça. Communication.

¹ Mestranda no Mestrado Profissional de Inovação em Comunicação e Economia Criativa da Universidade Católica de Brasília. Email: profaclariceduarte@gmail.com.

² Doutora, Professora no Mestrado Profissional Inovação em Comunicação e Economia Criativa, Universidade Católica de Brasília. Email: flormd@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O tema “memória, sofrimento, afeto e herança ancestral” nasceu, de fato, a partir das leituras e conversas propostas nas aulas das disciplinas de Epistemologia, Conexões Criativas, e Comunicação e Processo Criativo cursadas durante o mestrado profissional Inovação em Comunicação e Economia Criativa da Universidade Católica de Brasília. Esclareço que, embora tenha apresentado outra proposta de pesquisa inicialmente, pela qual tenho bastante apreço, ainda não estava segura quanto ao meu interesse pelo desenvolvimento da temática. Então, as leituras de autores como Ailton Krenak, Edgar Morin, José Jorge de Carvalho, Heloísa Teixeira, Oliver Sacks, António Damásio dentre outros, além da imersão no filme *O abraço da serpente* (Dirigido por Ciro Guerra, 2016), foram determinantes para a decisão de trocar o tema de minha pesquisa.

Desde criança ouço as histórias de vida da minha avó, contadas por ela mesma, pela minha mãe e pelos meus doze tios. Episódios emocionantes, tristes, alegres, engraçados, violentos, de muita dor e de muito amor. Uma história vivida no interior e na roça, em condições sociais simples e sob forte patriarcado, comumente silenciada e/ou invisibilizada pela história oficial em sua ótica unilateral da vida das pessoas. Na contramão dessa visão, considero que a narrativa oral da mulher que nasceu na década de 1930, que não pôde se alfabetizar, que viu, ouviu, sentiu, viveu e guardou, mas está esquecendo, tem a licença poética que a memória lhe concede.

Nesse sentido, intento registrar a história da minha avó concentrada na exposição sensível das ideias e dos pensamentos da mulher-mãe de treze filhos, casada muito jovem - recém-saída da infância - com um homem-feito, e que a partir de então passa a ter como principal função parir. Uma reescritura em co-autoria com minha protagonista para além da coleta de dados históricos e da descrição da vida das famílias extensas que viveram na roça, ou zona rural, no interior de Goiás e mesmo em Goiânia a partir dos anos de 1930.

Pretendo produzir um relato metapórico (DANTAS, 2012) que exponha os desafios sociais do passado, ainda contemporâneos, acerca de questões associadas às condições de mulheres rurais e suas gestações, seus saberes e fazeres no campo e suas vivências, amparada pela ótica da “Escrevivência”

(EVARISTO, 2020) e da Comunicação como Acontecimento (MARCONDES FILHO, 2010). E mais ainda, numa ousadia futura, planejo evidenciar o modo como a mulher parideira se via, se é que se via, e como se vê, se reconhece hoje, a partir de suas memórias, por meio da criação de uma dramaturgia documental no gênero biodrama (TELLAS, 2017).

Na primeira parte deste texto, então, introduzimos³ o projeto que sustenta essa pesquisa, definimos o problema, os objetivos e a forma como desenvolvemos o estado da arte. Na segunda parte, adentramos os aspectos metodológicos da busca e apresentamos o quadro descritivo do resultado da busca. Na terceira e última parte, nos detemos na apresentação detalhada dos resultados e nas análises do material coletado.

PROBLEMA DE PESQUISA, OS OBJETIVOS E ESTADO DA ARTE

O desafio a que nos propomos é o de articular e comunicar o tema de nossa pesquisa de modo único, que afete quem com ele se deparar e dele usufruir. Nessa perspectiva, o problema que traçamos é: *como registrar as memórias de uma mulher da roça sob a perspectiva da Comunicação como Acontecimento?*

Por esse caminho desafiador, apresentamos como objetivo geral registrar as memórias de uma mulher da roça sob a perspectiva da Comunicação como Acontecimento. Intentamos elaborar uma escrita poética e sensível, que emocione, que talvez leve à catarse (ARISTÓTELES, 2004), mas que ao mesmo tempo seja inquietante, em consonância ao pensamento de Marcondes Filho, no que diz respeito ao acontecimento comunicacional, para o qual “comunicar é transformar-se, mudar de posição, passar a pensar diferentemente, ser efetivamente tocado, mexido, alterado pelo Outro” (2019, p. 45).

E para desenvolver o trabalho de modo estruturado e consistente, trazemos como objetivos específicos: 1. entrevistar a idosa que dará voz à narrativa para coletar o depoimento de sua história pessoal e coletiva; 2. escrever a narrativa de uma mãe que dá voz a outras mães, apresentando, de modo sensível, as ideias e os pensamentos da mulher cuja principal função era parir; 3. expor como a vida na

³ Esclarecemos que a introdução foi escrita em primeira pessoa do singular por uma questão de coerência com o depoimento da mestranda. Daqui em diante, o foco passa a ser em primeira pessoa do plural devido a sua produção coletiva.

roça, embora muitas vezes degradante, ainda é, na memória, um lugar de afeto, respeito, de herança ancestral; 4. produzir texto acadêmico que registre a narrativa oral e as experiências refletidas: história pessoal e história coletiva.

A escolha por produzir um estudo e uma obra sobre a história de vida de minha avó, nascida e criada na roça nos anos de 1930, no interior de Goiás, nos levou a buscar um levantamento de referencial teórico com objetivo de conhecer o estado atual de pesquisas acerca das memórias de mulheres idosas advindas da zona rural, especificamente no sentido de fazer registro acadêmico de narrativas orais que são, muitas vezes, silenciadas e/ou invisibilizadas pela história oficial. Nessa perspectiva, a busca foi ampliada para assuntos que envolvem o contexto da roça, como os saberes, os quintais, as festas, os costumes em geral, de modo a contemplar mais aspectos relacionados ao tema abordado, além de outro levantamento de referencial para suporte metodológico e para criação de uma obra poética e documental inspirada pelo biodrama, uma linha teatral que tem como base as histórias biográficas de pessoas vivas, “analizando las operaciones creativas, dramatúrgicas, que despliega al trabajar con una zona donde la ficción es mínima y lo real parece abarcar la mayoría del escenario”⁴(TELLAS, 2017, p. 10).

Esse caminho de revisão se justifica porque pretendemos, primeiramente, conhecer e compreender o contexto espacial e social em que minha avó nasceu e foi criada por meio da leitura de histórias semelhantes, mesmo que sejam de outras regiões. Em seguida, importa investigar os aspectos que fazem parte da história dela e que estão distribuídos em diversos estudos, como a culinária, a sabedoria medicinal popular, as rezas e benzeções, o conhecimento de parteira, os cuidados com a roça, a criação dos filhos nas famílias largas (CHAUÍ apud BOSI, 1994) etc. E para compor a metodologia e a produção poética/literária/dramática, nos empenhamos em buscar fontes contidas de entrevistas no sentido de descobrir a forma mais pertinente para esse trabalho, e textos sobre biodrama para que a escritura seja documental, biográfica e artística.

⁴ “analizando as operações criativas, dramatúrgicas que utiliza quando trabalha com um espaço onde a ficção é mínima e o real parece ocupar a maior parte do palco” (Tradução nossa).

METODOLOGIA

As palavras descritoras para o levantamento do estado da arte – para conhecer o estado atual das pesquisas que envolvem o tema da pesquisa – foram selecionadas partindo de aspectos bastante significativos como a memória, a oralidade, a narrativa feminina, a zona rural/o campo e a proposta de criação artística pelo biodrama. Desse modo, as palavras foram organizadas em pares e trios com o operador lógico de inclusão “and” para os seguintes cruzamentos: memória e zona rural; memória e campo; narrativa oral e feminino e zona rural; narrativa e oralidade e campo; roça e afeto e memória; narrativa oral e memória e campo; teatro e biodrama; biografia e roça e afeto. O estudo foi quantitativo e de caráter nacional, resultando em 2.108 títulos de teses, dissertações e artigos encontrados nas bases BDTD, Capes, Oasisbr e Latindex.

O modo como chegamos ao quadro das palavras com a seleção de 36 textos, sendo 09 teses, 16 dissertações, 10 artigos e 01 resenha, excluiu, sem passar para a leitura dos resumos, títulos repetidos e títulos que continham assuntos fora do escopo da temática, mesmo que as palavras norteadoras aparecessem por completo ou em parte. De modo geral, o cruzamento com as palavras memória e zona rural/campo levou para títulos voltados para o trato animal e para a escola na zona rural; as variações dos cruzamentos entre narrativa, oralidade, feminino, roça, memória e afeto levaram a outras temáticas voltadas para estudos indígenas e/ou quilombolas; qualidade de vida; para educação, em especial a narrativa infantil, ensino de matemática, línguas estrangeiras, história, narrativas de professores e docência; música; escravidão e racismo; LGBTQIA+; raça negra; umbanda e candomblé; diásporas.

Os critérios gerais utilizados para inclusão foram definidos pensando, principalmente, na atualidade dos textos acadêmicos e na proximidade com a proposta da pesquisa. Nesse sentido, o recorte temporal entre 2018 e 2024, idioma português, artigos de acesso aberto e revisados por pares fizeram filtragem significativa do número de textos encontrados. Importa mencionar que duas inclusões datam de 2015 porque uma delas refere-se ao biodrama, cuja busca geral foi sem recorte temporal para ampliar o referencial teórico; e a outra foi encontrada

durante uma navegação no Google pela necessidade de descobrir algum material específico sobre a cidade de Formosa - Goiás.

O quadro a seguir demonstra de maneira mais descritiva como foram realizadas as exclusões/inclusões:

Cruzamentos	BDTD (2018-2024, idioma português)			Capes (acesso aberto, artigos; revisado por pares; 2018-2024; idioma português; nacionais)			Oasisbr (artigos, 2018-2024, idioma português)			Latindex (sem filtros)		
	Resultado	Exclusão	Inclusão	Resultado	Exclusão	Inclusão	Resultado	Exclusão	Inclusão	Resultado	Exclusão	Inclusão
memória e zona rural	111	100	11	13	13	0	65	65	0	0	0	0
memória e campo	3.274	Devido ao grande número de textos, percorri superficialmente e verifiquei o aparecimento de alguns já escolhidos e que boa parte tratava-se de assuntos diversos e não convergentes com meu tema		630	624	6	2.047	Devido ao grande número de textos, percorri superficialmente e verifiquei o aparecimento de alguns já escolhidos e que boa parte tratava-se de assuntos diversos e não convergentes com meu tema		4	4	0
narrativa oral e feminino e zona rural	7	6	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
narrativa e oralidade e campo	643	637	6	9	9	0	208	Nenhum selecionado porque já haviam passado pela busca (repetidos e/ou fora da temática)		0	0	0
roça e afeto e memória	13	11	2	1	1	0	0	0	0	0	0	0
narrativa oral e memória e campo	292	Nenhum selecionado porque já haviam passado pela busca (repetidos e/ou fora da temática)		10 sem recorte de tempo para ampliar a busca	10	0	71	69	2	0	0	0
teatro e biodrama	4 sem recorte de tempo	1	3	7 sem recorte de tempo e	5	2	8 sem recorte de tempo	8	0	4	3	1

	para ampliar a busca			de idioma para ampliar a busca			para ampliar a busca					
biografia e roça e afeto	2	2	0	0	0	0	2	1	1	0	0	0

Fonte: Elaborado pelas autoras.

RESULTADOS

O resultado do levantamento de referencial teórico nas bases BDTD, Capes, Oasisbr e Latindex demonstrou que a maior parte das inclusões são teses e dissertações com temas que podem contribuir significativamente para a pesquisa. Foram encontrados dentre os assuntos relevantes: memória coletiva e práticas cotidianas; memórias de sofrimentos de mulheres de várias idades, sexualidades, raças e territórios; relação campo e cidade, rural e urbano; a história oral e a história cotidiana como parte da memória coletiva; preservação da presença de sujeitos e modos de viver no meio rural e o modo como se relacionam com o campo e culturalmente; sexualidade como um processo envolto por muitos silêncios, normas e proibições; memórias femininas em torno da comida campeira; relevância das relações familiares agregando espaços urbanos e rurais; mulheres/homens, trabalhadoras/es rurais, atuantes num contexto de lutas sociais, das quais foram invisibilizados, sobretudo, pela história oficial; a narração oral de literatura ou texto poético que nasce da escrita como arte convivial, um acontecimento que compartilha com o teatro da mesma estrutura matriz; a memória como tema de abordagem para criação: narrativas das histórias que mães e avós; parteiras: mulheres detentoras de saberes populares femininos, sustentados até a atualidade pela transmissão oral, a observação, a experimentação, de geração em geração.

Os artigos e a resenha incluídos no quadro também abordam satisfatoriamente as ideias para o trabalho, propostas no cruzamento de palavras, tais como: importância dos estudos sobre memória e identidade; como a área da Comunicação reconhece a importância do termo “lugar de fala” e da aparição de vozes marginalizadas do círculo acadêmico; reflexão sobre o conceito de escrevivência na perspectiva de literatura e outras artes; compreensão do sentido da memória de homens e mulheres idosos em vivência com a sexualidade; ampliação

de significados de roça, de produção agrícola e campo para natureza, nostalgia e sofisticação, tradição e regionalismos; descrição da evolução do biodrama como uma metodologia específica de atuação; discussão sobre a História Oral como método para registrar narrativas de histórias de vida; como é o acesso às informações dos sujeitos na roça e como fazem uso delas; apresentação da complexidade do campo da história oral.

Os textos selecionados foram agrupados em seis grupos cujas temáticas se assemelham e permitem oferecer bases para minha análise e pesquisa já como procedimento de organização dos possíveis desdobramentos e recortes. Foram classificados da seguinte maneira:

- I. Identidade, memória e cotidiano: três teses, três dissertações e um artigo;
- II. Roça, território e pertencimento: duas teses, quatro dissertações e um artigo;
- III. Memórias de mulheres idosas/do campo: uma tese e quatro dissertações;
- IV. Maternar, gestar e parir/sexualidade: uma tese, duas dissertações e dois artigos;
- V. Narrativas orais, Histórias de vida e Comunicação: duas teses, três artigos e uma resenha;
- VI. Biodrama: três dissertações e três artigos.

Nesse momento, vamos nos deter à exploração do grupo das Narrativas orais, Histórias de vida e Comunicação porque há um especial interesse nessa fundamentação por sua relevância ao objetivo de analisar e documentar a história que está na memória da mulher parideira, que hoje está idosa. E fazê-lo segundo preconiza Marcondes Filho:

Nosso pesquisador da comunicação é um estudioso engajado, interessado, dinâmico, atento a cada minúcia do Acontecimento, preocupado em apreender tudo que o envolve, um verdadeiro leitor atento da cena. [...] mas, acima de tudo, cuidadoso, minucioso, cauteloso e muito ágil; ele é sensível, apurado... (2019, p. 48).

Nosso papel vai além da informação de dados biográficos e/ou históricos. Compreendemos a necessidade de visibilizar e conferir valor ao que está entre a memória e o afeto, entre o sofrimento e a cura das dores sociais no contexto

abordado. Por isso, escolhemos iniciar pela contribuição à forma de escrever, de registrar, de comunicar.

Iniciamos a análise da resenha de João Lorandi Demarchi, *Caminhos para história oral*: do projeto à transcrição, sobre o livro “Memórias e narrativas” dos historiadores José Carlos Meihy e Leandro Seawright. O texto traz a História oral como metodologia “campo autônomo de atuação e de reflexão”, mas ainda deixada de lado na Academia (USP), mencionando que falta discussão sobre história oral, e ressaltando que é necessário apresentar o livro para egressos, inclusive, pois promove reflexões sobre o uso da história oral como método; os autores propõem a aplicação da história oral no desenvolvimento de um trabalho, como uma pesquisa por exemplo, para além de um resgate do passado, de uma recordação. A resenha menciona como o livro traz contribuições para os conceitos de memória e narrativas, bem como é possível realizar entrevistas e coletar depoimentos de modo a valorizar as falas e os jeitos dos entrevistados, conduzindo as perguntas de modo flexível para que não percam a espontaneidade e como o entrevistador pode captar as impressões desses modos de expressão por meio de anotações durante as conversas, os encontros, a fim de dar mais qualidade às futuras transcrições.

Os autores orientam, também, sobre a elaboração de um projeto para referendar e dar coesão ao desenvolvimento do trabalho com a história oral. Elucidam sobre a importância dos interlocutores como colaboradores do processo, tratados com ética e empaticamente, com diálogo e confiança recíproca. Nesse sentido, já expusemos que a protagonista da pesquisa será co-criadora da narrativa que será produzida.

Para finalizar, trazem o conceito de *transcrição*, que muito inspira nosso trabalho, pois trata-se de uma forma artesanal e criativa de transcrever as entrevistas de modo que a exposição das ideias seja mais importante que a escrita literal das palavras, bem como valorizar a memória e o protagonismo de quem traz a narrativa oral, expondo apenas o que for permitido e trazendo a compreensão histórica da memória performada no depoimento dos interlocutores.

Outro texto analisado foi o artigo de Barbara Heller, Teresa Cristina da Costa Neves, Priscila Ferreira Perazzo e Ana Paula Goulart, *Memórias, metáforas e imaginação em narrativas orais de história de vida*, que discute a História Oral como fonte de pesquisa acadêmica. Especificamente trata de histórias de vida e sobre

como é abordada a ideia da verdade na narração a partir das memórias de cenas vividas, ou seja, se há verdade ou ficção ou ambas juntas, partindo do referencial teórico de Bakhtin e Nietzsche. Assim, a visão de cada um de nós precisa somente se completar na visão do Outro, isto é, no diálogo.

Desse modo, vem a questão da confiabilidade das narrativas das histórias orais, uma vez que estas vêm imbuídas de imaginatividade, sem trazer para a análise a ideia de mentira. O texto é escrito a partir de trechos da narrativa oral da história de vida de uma mulher no âmbito do núcleo Memórias do ABC, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, com o este roteiro:

1) enunciar o problema da verdade e sua relação com a linguagem e a imaginação; 2) discutir a representação do “real” a partir de imagens mentais construídas em narrativas orais de história de vida; 3) atribuir ao relato oral de história de vida o valor de uma literatura de testemunho, uma espécie de acesso poético aos registros da memória (HELLER *et al.*, p. 253).

Assim, nos interessa a discussão acerca da verdade como figura metafórica da linguagem, “uma rede imaginária para sustentar suas verdades, tornando-as, assim, partilháveis” (HELLER *et al.*, p. 255), numa espécie de acordo entre interlocutores de modo que as memórias de quem narra se tornam comunicáveis por causa de suas próprias competências linguísticas expostas no diálogo. Por essa perspectiva nietzschiana, a imaginação é um mecanismo potente para o entendimento de uma narrativa oral, pois que imaginação e memória são interdependentes e se autoestimulam, trazendo à tona uma história de vida que pode ser documentada mesmo em sua dimensão imagética da linguagem.

E, por isso mesmo, a narrativa oral expressa sua literariedade, aspecto que facilmente prende a atenção dos leitores com a sequência fragmentada de fatos, com o suspense que cria a expectativa de um clímax, aspecto importante para nós devido à pretensão de tecitura de um relato em co-autoria, metapórico, próximo da qualidade literária “necessária para que o leitor faça uma imersão plena na realidade que está sendo descrita” (MARCONDES FILHO, 2019, p. 77). Desse modo, importa que a oralidade apareça na escrita e entre pelos olhos ou pela voz de quem lê como se estivesse ouvindo no exato momento da fala de Dona Chica⁵:

Minha infância... eu não tive. Eu não tive infância porque casei nova. [...] Nós carocava o algudão, catava o algudão e ela ia tecer. Fiava, ela ensinou nós

⁵ Maria Dionísia do Nascimento Martinho, nossa protagonista, mais conhecida como Dona Francisca e Dona Chica, Vó Chica, sendo este último como a chamam todos(as) os(as) netos(as), inclusive os(as) de coração.

fiar, nós tecer. Aí, cresci. Quando eu tava com... com 12 anos e 6 meses, ela era parteira. Noitecia e não manhecia em casa, não tinha vizinho perto. E ela falou "O dia que eu achar um homem, eu te caso" (MARTINHO, 2024).

Há pausas enquanto fala! Pausas que dão ênfase e que obrigam a memória a lembrar. Mas estando diante dela, o que sobressai é a naturalidade ao dizer que não teve infância e ao descrever a lida com o algodão. Uma cena que nos remete imediatamente à imagem da criança ao redor da mãe aprendendo um ofício e, estranhamente crescida, aos doze anos, sendo avisada por ela (a mãe) de que logo irá se casar. Compreendemos, então, a ideia, apresentada no artigo analisado, de que as imagens mentais originadas na narrativa oral podem ser mídias enunciativas “que cumprem as funções de comunicação, expressão e, até mesmo, informação” (HELLER *et al.*, p. 261) sobre a memória individual e coletiva para que o interlocutor se sinta instigado a imaginar o contexto da história contada.

Expressa, também, a possível ambiguidade entre realidade e imaginação constantes nos relatos, nos testemunhos orais no sentido de que as metáforas externadas pela imaginação são reais na memória de quem conta, mesmo que contenham elementos ficcionais para dar a veracidade e o entendimento da reconstrução da narrativa. Por esse viés, as ideias expostas no artigo são convergentes ao pensamento de Conceição Evaristo, contido em nosso estudo: “[a]s histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre um acontecimento e a narração do fato, há espaço em profundidade, é ali que explode a invenção” (2017, p. 13), assim como comunicamos a voz de Dona Chica:

Aí, como que eu estava falando... Aí meu pai chegou lá no rancho e a mulher estava fritando os torresmo. Aí ele falou “Ôo, tô com uma fome, me dá uma bocadinha desse torresmo pra mim comer”. Quando ele jogou o punhado de farinha na boca com o torresmo, ele caiu. Ele deu esse negócio nele. Ele paralisou um lado todinho. E aí ele ficou oito anos em cima dessa cama (MARTINHO, 2024).

Parece que ela estava lá junto do pai dela quando ele comeu o torresmo e passou mal, mas não estava. Há verossimilhança na história contada, que foi ouvida tantas vezes, e recontada com o empréstimo da entonação simples do homem da roça, de tal modo que “alcança uma memória pessoal que, como se buscará mostrar, é também uma memória social, familiar e grupal” (BOSI, 1994, p. 34). Por isso mesmo, nossa intenção aqui não é julgar mentiras ou verdades, mas sim analisar a narrativa e inferir sobre um comportamento delineado pelo sofrimento precoce e pelas possibilidades de interpretações e de reflexões acerca da

vulnerabilidade da mulher, especialmente na relação conjugal a fim de recriar, pela escrita, a escuta de como cada gestação impactava na vida econômica, social, emocional e afetiva da família. Como neste trecho:

Não, não conhecia não. Naquele tempo tinha disso não, ela olhava na pessoa e falava “É esse memo”. Aí casamos, né. Aí não foi nada não. Foi outro batidão danado. Lá na fazenda, eu trabaiano, trabaiva na roça, plantava aquele mundo véi de roça lá. E eu com aquele barrigão da Gina (MARTINHO, 2024).

Aqui, Dona Chica explica que sua mãe não conhecia seu futuro marido quando o escolheu para casar com ela. Observamos, nela, a certeza da mãe que sabia o caráter de alguém apenas pelo olhar. E não há espaço para pensarmos ao contrário, não era uma invenção para que a filha se casasse logo, a mãe de Dona Chica a ofereceu em casamento ao homem que, de fato, ela considerou apropriado para sua filha, um homem honrado. Isso se confirma porque o primeiro *batidão* foi a noite de núpcias, pela qual o marido esperou por certo tempo, com paciência e respeito pelo tempo dela (assunto que trataremos minuciosamente no decorrer de nossa pesquisa). Assim, a expressão *Foi outro batidão danado* revela que o trabalho árduo na roça, até o dia de dar à luz à primeira filha, foi, também, o preço pago pela hombridade do homem que ainda lhe faria parir mais doze vezes.

O tempo abordado no artigo é outro aspecto relevante, pois trata de como a experiência de vida de quem protagoniza a narrativa oral é importante para a composição imaginativa da memória em relação ao que é narrado:

E, então, nos perguntamos o quanto de experiência acumulada nesse intervalo temporal pode ter revestido a expressão narrativa desta memória do que chamamos “imaginação”? Há que se levar em conta que a experiência passada não fica guardada num repositório a espera de ser recuperada. O passado está sempre em processo, resultando de inúmeras reelaborações e reinterpretações produzidas em diferentes momentos da vida de um indivíduo (HELLER et al., p. 265).

O passado não fica estagnado, estático, ele se move à medida que a pessoa autora envelhece e continua a rememorar, contar e recontar sua história de vida, de modo que “possamos compreender o significado do “tempo que se leva para narrar” em relação ao ‘tempo das coisas narradas’” (HELLER et al., p. 265). A verdade, então, se baseia na memória que busca na imaginação a realidade levada, aos poucos, pelo esquecimento.

Nas considerações finais, o texto expõe sua intenção contra-hegemônica em relação à supremacia da ciência que não dá a devida importância à História Oral

como método para a pesquisa científica. Essa reação nos interessa porque defende que o conhecimento deve ser plural e diversificado e que, especialmente, no campo da Comunicação, a linguagem metafórica advinda da narrativa oral é rico material para que nós pesquisadoras possamos nos imergir e trazer à tona, para além da verdade, a “interpretação criativa das experiências mais do que na exatidão da descrição dos fatos” (HELLER *et al.*, p. 267).

Já no artigo de Luciana Barreto Machado Rezende e Beatriz Schmidt Campos, *Memória, alteridade e escritas de si em Conceição Evaristo, Maria Auxiliadora, Carolina de Jesus e Elza Soares: a arte da “escrevivência”*, as autoras propõem uma reflexão sobre o conceito de “escrevivência” e sua importância, não só na literatura como na arte de modo geral. Essa forma de escrita que dá voz a mulheres negras, artistas marginalizadas na literatura, expõe a resistência ao racismo, às desigualdades sociais, e faz denúncia, mas que para além desse aspecto histórico-social, traz a peculiaridade da escrita feminina. Uma estética literária resgatada do esquecimento, e que mostra o olhar, não somente do homem, sob outra perspectiva da história, com outros detalhes, e que mais do que a verdade, evidencia como os contextos poderiam ter sido narrados de modos diferentes não fosse a invisibilização feminina durante tanto tempo. A partir dessa exposição, há o aprofundamento em questões que envolvem as histórias das escritoras, que são inseparáveis de suas escritas.

Da exposição feita no artigo, nos apegamos mais avidamente no caminho da ampliação que o conceito de escrevivência permite que percorramos, da literatura a outras manifestações artísticas, para extravasar as vivências de mulheres que contam/recontam histórias de vida individuais, mas coletivas por suas semelhanças no sofrimento, na lida, na luta pela sobrevivência, na solidão, no silenciamento. Este último transformado em voz “como espaço libertário de autoafirmação” (REZENDE; CAMPOS, 2022, p. 4) por meio da escrevivência, que se torna processo e estilo de criação artística.

Importa esclarecer que, embora a narrativa oral de nosso trabalho não seja de uma protagonista negra, sua história de vida vai ao encontro das histórias das artistas analisadas no artigo no sentido de que são atravessadas por contextos parecidos de dores, resistências e superações. Desse modo, é possível e pertinente considerar o registro da sua história de vida como um ato de escrevivência assim

como a própria Conceição Evaristo pontua que há diálogo entre seu conceito e outras formas de arte, a exemplo de Frida Kahlo, ou com escritoras não negras, como Clarice Lispector. Ela diz:

A Escrivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si (EVARISTO, p. 35, 2020).

O artigo ainda empreende na biografia das artistas de forma breve e eficiente, comparando e conectando suas experiências de vida e suas artes. É uma explanação específica de seus contextos de negritude:

Pelas vivências e pelos olhares impressos em cada expressão é que se constrói a necessidade de resistir, superar as dores, a fome, os sofrimentos e, ao mesmo tempo, encantar, resgatar sua ancestralidade, bem como denunciar os preconceitos flagrados e a marginalidade sofrida, produzindo, desse modo, obras potentes e, igualmente, provocativas e envolventes (REZENDE; CAMPOS, 2022, p. 7).

Nesse sentido, a perspectiva da análise do contexto de mulheres negras corrobora nossa proposta de escrita engajada, corajosa e para a liberdade. Assim, nas considerações finais, as autoras ressaltam a intenção de assumir o lugar de fala contra o racismo e “iniciar efetivamente o processo de redução, quanto mais de extinção do racismo” (REZENDE; CAMPOS, 2022, p. 15). No nosso caso, pretendemos validar a narrativa oral da mulher idosa e sua compreensão, seu olhar sobre si mesma como forma de “de enfrentamento e solidariedade nesse arco a conjugar arte e resistência, poética e política, escrita de si e do outro [...] nesse grande Outro que chamamos de alteridade” (REZENDE; CAMPOS, 2022, p. 16).

Por último, e para não estender mais essa explanação, percorremos o artigo de Alan Campos Araújo, *A historicidade como memória reforçada no ato comunicacional*, que expõe a historicidade, essencial à produção de conhecimento como uma dimensão inerente às pessoas e, especificando pesquisadores da Comunicação, traz um posicionamento de que ela não deve assumir uma ótica unilateral da veracidade do passado. O autor esclarece que é preciso entender que a historicidade não está pronta e acabada, principalmente no contexto de quem está pesquisando, pois deve estar sempre em diálogo com metodologias distintas, sempre em constante revisão e reposicionamento de perspectivas, “não deve ser

imune a críticas internas, no intuito de gerar acontecimentos para o pensamento abrir-se às novas experiências” (CAMPOS, 2021, p. 10).

Por essa via, o artigo critica a pesquisa baseada na historicidade na qual a supremacia epistemológica canônica desconsidera as epistemologias não-canônicas, oprimindo, invisibilizando, apagando minorias. E essa crítica é o início de uma investigação interessante e pertinente para o desenvolvimento do nosso estudo, já que investimos na exposição da narrativa oral como ato comunicacional, ou seja, almejamos que a voz feminina idosa e analfabeta (minorias) cause impacto na ciência de modo que os contextos das historicidades sejam cada vez mais plurais (epistemologias não-canônicas).

O aporte teórico para a discussão é a fenomenologia hermenêutica de Hans-Georg Gadamer, o qual tem como fonte principal o pensamento filosófico de Martin Heidegger. Sobre esse aspecto, a exposição de que Gadamer, diferentemente de Heidegger, “não estava interessado na perspectiva de uma hermenêutica estritamente ontológica acerca das possibilidades próprias do ser, mas em como a história e a cultura são matérias vivas em direta relação com a nossa existência” (CAMPOS, 2021, p. 13-14), é conveniente para nós porque pretendemos comunicar a narrativa oral como uma experiência viva, que mesmo estando no passado, não passou. Com duplo sentido proposital do verbo *passar* trazendo a impressão, a dúvida se a história contada ainda está presente, existe como realidade e/ou se ainda não foi superada, compreendida, pois que “comunicação é uma sensação” (MARCONDES FILHO, 2010, p. 29).

Na visão do autor do artigo, não é necessário o entendimento completo, objetivo no processo científico. A subjetividade importa e isso não quer dizer que a Comunicação não seja um campo profissional atingido pela tradição da historicidade, porque na verdade é. Nesse sentido, propõe que pesquisadores da Comunicação extravasem as técnicas tradicionais desse campo de conhecimento, que ultrapassem os limites da tradição da historicidade para dialogar com outros “terrenos históricos” (CAMPOS, 2021, p. 18), além de não permanecerem sob uma ótica simplista da expressão *lugar de fala*, conceitualizada por Djamila Ribeiro fora do viés restritivo, pelo contrário, como afirmado no artigo, “qualquer discurso não parte de um lugar único, mas de uma posição social, onde pensar sobre esta se configura numa atitude ética” (CAMPOS, 2021, p.17-18). Dessa perspectiva, o lugar

de fala com o qual o artigo se mostra de acordo converge ao nosso propósito de fazer uma produção em co-criação, na qual a voz da mulher parideira tenha vez em seu terreno social, e que a comunicação aconteça, de fato, como “uma situação não-trivial de diluição de nós no outro, na coisa. Uma experiência que perpassa a todos que dela participam e sentem” (MARCONDES FILHO, 2010, p. 31-32).

Nas considerações finais, fica claro que não é possível, nem é pretendido, negar a historicidade nas pesquisas acadêmicas, mas que é urgente dar um salto qualitativo em favor da pluralidade e da elucidação das manifestações históricas a fim de que haja maior diálogo entre a tradição e a inovação para o surgimento e consolidação de novas epistemologias. Nesse ponto, nos convém trazer a possível junção da História Oral e do Metáforo como procedimentos de investigação para escrita da narrativa da protagonista de nossa pesquisa como produto literário em favor da importância da história oral que se fará ouvida, acontecida, visto que

A proposta metapórica [...] deixa [...] ao leitor, àquele que se depara com suas descrições, a prerrogativa e a capacidade de ele próprio diluir os mitos, os equívocos, as manobras manipuladoras de eventuais estudiosos. Ao reconhecer o outro, a alteridade, a diferença conquista-se a autonomia e a liberdade. É um processo que acontece a cada um, desvencilhando-se de si mesmo (MARCONDES FILHO, 2019, p. 48).

CONCLUSÃO

Por meio dessa explanação, é possível concluir que o material encontrado contribui para justificar a pertinência do estudo que está em processo de desenvolvimento. Além disso, auxilia a subsidiar nossa intenção de comunicar, de compor uma narrativa em co-autoria com a mulher parideira, as memórias de sua história na roça, de sua ida para a cidade, em um “ato de construir a passagem, de ir se abrindo um caminho” (DANTAS, 2012, p. 8), nos empenhando em manter viva e acessível sua história de vida delineada pelo sofrimento precoce, entretanto cheia de afeto, de respeito e de herança ancestral.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade** : lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo : Companhia das Letras, 1994.

CAMPOS, A. **A historicidade como memória reforçada no ato comunicacional**. Lumina, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 8–21, 2021. DOI: 10.34019/1981-4070.2021.v15.34538. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/34538>. Acesso em: 20 agosto 2024.

DANTAS, Elenildes. **Metáporo e o conceito de comunicação como Acontecimento**. Trabalho apresentado no DT 8: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Ouro Preto - MG – 28 a 30/06/2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-1177-1.pdf>. Acesso em: 10 junho 2024.

DEMARCHI, João Lorandi. **Caminhos para história oral: do projeto à transcrição**. RIDPHE_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo, Campinas, SP, v. 7, n. 00, p. e021006, 2021. DOI: 10.20888/ridpher.v7i00.15797. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/15797>. Acesso em: 30 agosto 2024.

EVARISTO, Conceição. **“A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”**. Entrevista concedida ao Itaú Social em 09 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 26 maio 2024.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.); LOPES, Goya (Il.) *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 19 agosto 2024.

HELLER, B., Neves, T. C. da C., PERAZZO, P. F., & GOULART, A. P. . (2023). **Memórias, metáforas e imaginação em narrativas orais de história de vida**. *MATRIZES*, 17(1), 251-268. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v17i1p251-268>. Acesso em: 19 agosto 2024.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Das coisas que nos fazem pensar, que nos forçam a pensar** [recurso eletrônico]: o debate sobre a nova teoria da comunicação – 2. ed. – São Paulo: ECA/USP, 2019. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/369/325/1335-1>. Acesso em: 26 maio 2024.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O princípio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica: nova teoria da comunicação III: Tomo V** - São Paulo: Paulus, 2010.

MARTINHO, Maria Dionísia do Nascimento. **Depoimentos** [05 jun 2024]. Entrevistadora: Clarice Martins Duarte, Goiânia, 2024. 2 arquivos .mp4 (15" e 5'49"); 1 arquivo .aac (5'16").

REZENDE, L. B. M. ; CAMPOS, BEATRIZ . **Memória, alteridade e escritas de si em Conceição Evaristo, Maria Auxiliadora, Carolina de Jesus e Elza Soares**: a arte da “escrevivência”. Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 66, e6706, 2022. <https://doi.org/10.1590/2316-40186706>. Acesso em: 30 agosto 2024.

TELLAS, Vivi; BROWNELL, Pamela y HERNÁNDEZ, Paola (comp. y coord.). **Biodrama**. Proyecto Archivos: seis documentales escénicos - 1a ed. Papeles teatrales. Serie Dramaturgias. Ed. Filosofía y Humanidades UNC, 2017. Disponível em: <https://emad-caba.infod.edu.ar/sitio/wp-content/uploads/2022/10/Biodrama.-Vivi-Tellas.pdf>. Acesso em: 30 agosto 2024.